

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE MÚSICA**

ADAILSON CUNHA DA SILVA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE MÚSICA: UMA REFLEXÃO
SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO FUTURO DOCENTE**

**MANAUS
2025**

ADAILSON CUNHA DA SILVA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE MÚSICA: UMA REFLEXÃO
SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO FUTURO DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Música da Universidade do Estado do
Amazonas, como pré- requisito para a obtenção do
Título de Licenciatura em Música.

Orientadora: Ma. Hirlândia Milon Neves

MANAUS

2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
LICENCIATURA EM MÚSICA

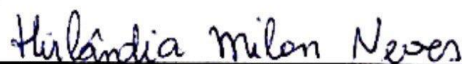
TERMO DE APROVAÇÃO

ADAILSON CUNHA DA SILVA

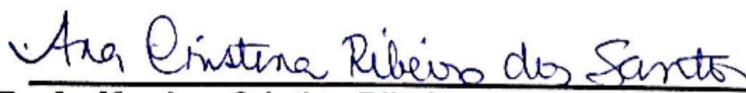
**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE MÚSICA: uma reflexão sobre a
prática pedagógica do futuro docente**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel/Licenciado em Música, Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade do Estado do Amazonas, pela seguinte banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Hirlandia Milon Neves – Orientadora



Profa. Ma. Ana Cristina Ribeiro dos Santos – Membro da banca



Prof. Me. José Arcângelo Santiago Brasil – Membro da banca

Manaus, 23, junho de 2025

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE MÚSICA: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO FUTURO DOCENTE

Adailson Cunha da Silva

Resumo: Este artigo apresenta um relato descritivo-analítico da experiência como docente em aulas de arte/música no Estágio Supervisionado II do curso de Música da UEA, com alunos do ensino fundamental II em escola pública. Os dados foram analisados a partir do caderno de campo e relatório de estágio, com foco na reflexão crítica da prática pedagógica, fundamentada no modelo C(L)A(S)P de Keith Swanwick (1979). A experiência mostrou que a abordagem informal e dialogada favorece o engajamento dos alunos, especialmente na apreciação musical, embora tenha havido dificuldades em motivar a participação em atividades práticas. O estágio proporcionou uma compreensão dos desafios e possibilidades do ensino musical, contribuindo para a formação docente e servindo como referência para futuros estudantes.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Prática Pedagógica; Ensino de Música; Modelo C(L)A(S)P.

SUPERVISED INTERNSHIP IN MUSIC EDUCATION: A REFLECTION ON THE FUTURE TEACHER'S PEDAGOGICAL PRACTICE

ABSTRACT: This article is a reflective experience report aimed at presenting a descriptive-analytical account of the experiences lived as a teacher during the Supervised Internship II, in the Music course at the State University of Amazonas (UEA). The activities were developed with students in the final years of middle school, at a public basic education institution. The data were analyzed based on information extracted from my field notebook and internship report, including notes from recorded observations, with a focus on critical reflection of the pedagogical practice grounded in the C(L)A(S)P model by British music educator Keith Swanwick (1979). The experience demonstrated that an informal, dialogic approach based on this model fosters greater student engagement, especially in music appreciation. Among the challenges faced, motivating students to participate in practical activities requiring more active involvement stood out. The internship experience provided a deeper understanding of the challenges and possibilities of music teaching in the school context, as well as significantly contributing to the formation of the future teacher. It is hoped that this report may serve as a reference and encouragement for other students in training, strengthening the connection between theory and practice in music education.

Keywords: Supervised Internship; Pedagogical Practice; Music Education; C(L)A(S)P Model.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é o momento em que os discentes de cursos de Licenciatura têm a oportunidade de vivenciar a realidade do contexto escolar, em especial o ambiente de uma sala de aula. Essa vivência se inicia a partir da observação que o estagiário faz de práticas pedagógicas realizadas pelo docente titular de uma determinada disciplina, analisando o seu processo didático-metodológico, como desenvolve os conteúdos e/ou temáticas planejadas, como lida com os desafios escolares e de que forma busca superá-los, entre outros aspectos importantes da prática docente.

No contexto do ensino de arte, especialmente no que se refere ao ensino de música, que é o foco desse relato, as orientações sobre o que e como observar são primordiais para o licenciando em Música, pois contribuem significativamente para sua reflexão e atuação futura, especialmente na etapa de regência de classe. As observações contribuem para a atuação do discente em fase de estágio, em relação à sua atuação na regência de classe, para seu planejamento e ação pedagógica.

O presente artigo configura-se como um relato de experiência de minha vivência como aluno do Curso de Música da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), na modalidade de Licenciatura, ao participar das atividades propostas na disciplina de Estágio Supervisionado II, realizadas em uma escola pública de ensino regular da educação básica, em especial, na fase regência de classe, desenvolvida durante o final do estágio. Desse modo, tem por objetivo descrever e analisar minha prática pedagógica no ensino de música, com a turma do 9º ano 2, à luz do modelo C(L)A(S)P de Keith Swanwick (1979).

O estágio foi realizado no componente curricular arte, numa escola estadual na Zona Leste de Manaus, a partir de uma prática pedagógica voltada para o ensino de música. Como a música é uma das linguagens artísticas contempladas no componente curricular de Arte na Educação Básica, a observação e a atuação docente voltadas a essa linguagem específica se alinham diretamente à minha formação e aos objetivos da disciplina de Estágio Supervisionado II.

Neste artigo, apresento uma breve fundamentação teórica sobre a importância do estágio na formação do docente, com base em Brasil (2008), Buriolla (1999), Mateiro (2008), Almeida, Pimenta (2014). Discorro também sobre o ensino de música a partir das ideias de Swanwick (1979) e França e Swanwick (2002), com ênfase no modelo C(L)A(S)P. Em seguida, descrevo a organização do Estágio Supervisionado na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), a

escola concedente, o relato das regências de classe desenvolvidas durante o estágio e, por fim, apresento as considerações finais.

1. A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

O estágio, conforme dispõe a Lei nº 11.788/2008, em seu Art. 1º, configura-se como um:

ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

Dessa forma, a legislação tem por finalidade preparar acadêmicos dos cursos de graduação na modalidade de licenciatura para o mercado de trabalho ao inseri-los no ambiente real de educação, sob a supervisão de um profissional docente qualificado atuante no sistema educacional.

Nesse contexto, o ambiente acadêmico oferece uma base teórico-prática necessária para a formação desses futuros profissionais, onde o licenciando tem contato com diversas concepções e abordagens pedagógicas de ensino. É nesse espaço que, segundo Almeida e Pimenta (2014, p. 73), começam a ser construídos “os saberes, as habilidades, posturas e atitudes que formam o profissional”. Em complementação, é no período de estágio que, segundo as autoras, “esses conhecimentos são ressignificados pelo aluno estagiário a partir de suas experiências pessoais em contato direto com o campo de trabalho que, ao longo da vida profissional, vão sendo reconstruídos no exercício da profissão”.

Nesse sentido, o estágio configura-se como uma etapa fundamental na trajetória acadêmica de um licenciando, pois é o momento em que o discente tem a oportunidade de experienciar, de forma abrangente, as atividades da profissão docente em um contexto real de educação. Segundo Mateiro (2008, p. 17), “o estágio é considerado como espaço que possibilita ao estudante, futuro professor, observar, analisar, atuar e refletir sobre as tarefas características de sua profissão”. Dessa forma, as atividades do estágio não se limitam apenas à observação da prática pedagógica de um profissional experiente, mas também proporcionam ao discente a oportunidade de vivenciar, de forma prática-reflexiva, o exercício do magistério, contribuindo para a sua formação como um futuro docente.

É justamente durante esse período de experiência do exercício profissional que o estágio se torna mais significativo para o discente, pois é por meio da reflexão crítica sobre sua

prática pedagógica que começa a ser construída a sua identidade profissional docente. Conforme afirma Buriolla (1999, p. 13), “o estágio é o lócus onde a identidade profissional é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente”. Assim, o estágio não apenas proporciona a integração entre teoria e prática, mas reforça a necessidade de que ele seja conduzido com intencionalidade pedagógica, contribuindo para a construção de um profissional crítico e consciente do seu papel na educação.

No contexto do ensino de música, essa relação entre teoria e prática torna-se ainda mais significativa para o licenciando em música, uma vez que o acadêmico tem a oportunidade de experimentar no contexto real de ensino, atividades educativo-musicais propostas por diversos pedagogos e educadores do ramo da educação musical, apreendidas durante o curso de graduação.

2. O MODELO C(L)A(S)P DE KEITH SWANWICK

Ao longo do percurso da formação acadêmica no Curso de Música da UEA, em disciplinas como Fundamento do Ensino da Arte, Didática da Música e Pedagogia da Música (I, II, III e IV), Laboratório de Práticas em Educação Musical, o discente tem a oportunidade de conhecer e experienciar diversas abordagens e concepções pedagógicas do ensino de música. Entre essas abordagens, destaca-se o modelo C(L)A(S)P, desenvolvido pelo educador musical britânico Keith Swanwick (1979), apresentado em sua obra intitulada *Basis for Music Education*.

O modelo C(L)A(S)P, segundo França e Swanwick (2002, p 18), “não é um método de educação musical, nem um inventário de práticas pedagógicas”. Nesse contexto, o modelo constitui uma visão filosófica do ensino e aprendizagem musical que integra, em sua composição, cinco parâmetros da experiência musical. Segundo Swanwick (1979, p. 45), esses parâmetros são:

- **Composição (C):** formular uma ideia musical, criar um objeto musical;
- **Literatura (L):** o estudo da literatura da música e da literatura sobre música;
- **Apreciação (A):** escuta responsiva como (embora não necessariamente em) uma audiência;
- **Técnica (S - Skill):** habilidades auditivas, instrumentais, de notação;
- **Performance (P):** comunicar a música como uma “presença”.

Conforme o autor citado, a Composição (C) “é o ato de criar um objeto musical ao reunir materiais sonoros de maneira expressiva” (p. 43). Em outras palavras, trata-se de qualquer forma de invenção musical criada pelo ser humano com o objetivo de comunicar algo, como sentimentos, ideias ou emoções. A Literatura (L) estuda aspectos teóricos da música, bem como sua história, estilos, crítica e composição. No entanto, ela só contribui de fato para a vivência musical se ajudar a compreender melhor as ações de compositores, intérpretes e/ou ouvintes.

A Apreciação (A), “refere-se a uma forma particular de escuta: a de quem ouve a apresentação da música como parte da audiência” (p. 43). Dessa forma, ela ocorre quando o ouvinte se envolve diretamente com a obra musical, não apenas ouvindo, mas experienciando e reagindo de forma sensível ao que é apresentado. Para complementar, o autor destaca que a apreciação corresponde a algo semelhante a um “estado de contemplação” (p. 43). A Técnica (S - Skill) envolve diversos aspectos, como o domínio técnico do instrumento ou canto, a prática em conjunto, o uso de equipamentos eletrônicos, o desenvolvimento da escuta, a leitura à primeira vista e a fluência na escrita musical. E, por sua vez, a Performance (P), “é um estado muito especial, uma sensação da música como uma espécie de presença” (p. 44). Nessa perspectiva, a performance acontece quando o intérprete consegue transmitir, por meio da execução musical, a sua intenção expressiva, despertando essa experiência também em seus ouvintes.

Com base nesse modelo, desenvolvi uma proposta de ensino de música durante a fase de regência no Estágio Supervisionado II, realizada com a turma do 9º ano 2. A seguir, apresento o relato dessas regências, evidenciando como as atividades foram planejadas e executadas à luz do modelo C(L)A(S)P.

3. A ORGANIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

As disciplinas de Estágio Supervisionado (I, II e III) são componentes curriculares obrigatórios para todos os discentes do curso de Música, na modalidade licenciatura, sendo ofertadas a partir do 6º período do curso de graduação da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). No que se refere à organização da carga horária, o Estágio Supervisionado I possui 120 horas, enquanto os Estágios Supervisionado II e III contam, cada um, com 150 horas, totalizando 420 horas de estágio.

Ao iniciar as primeiras aulas das disciplinas de Estágio Supervisionado (I, II e III), no espaço acadêmico, o(a) discente é orientado(a) pelo(a) docente orientador(a) a escolher uma instituição pública de educação básica para a realização das atividades de estágio. A escolha da escola deve seguir as seguintes etapas: o Ensino Fundamental II (anos finais) para os Estágios Supervisionado I e II, e o Ensino Médio para o Estágio Supervisionado III. Em seguida, o discente deve preencher uma carta de apresentação contendo informações pessoais e acadêmicas e, dados da escola almejada. Após o preenchimento, o documento é analisado pelo orientador de estágio e assinado antes de ser entregue à instituição para autorização da realização do estágio.

A partir da autorização da instituição para a realização do estágio, inicia-se os procedimentos de preenchimento de outros documentos importantes, como o termo de compromisso e plano de estágio, contendo informações como data de início e término das atividades a serem desenvolvidas na escola e os objetivos da disciplina acadêmica.

No que se refere às atividades a serem desenvolvidas durante o estágio, na instituição concedente, estão distribuídas da seguinte forma: 30h de Observação do professor supervisor e dos estudantes, 55h de Monitoria, atividades de suporte ao professor supervisor e 5h de Regência, referente a 5 aulas planejadas e ministradas pelo(a) discente com uma turma do 9º ano, na modalidade do Ensino Fundamental II, no Estágio Supervisionado II e uma turma do 1º ano na modalidade do Ensino Médio, no Estágio Supervisionado III.

4. A ESCOLA CONCEDENTE: CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTO EDUCATIVO

A Escola Estadual Cacilda Braule Pinto é uma instituição pública de ensino regular, localizada na Zona Leste da Cidade de Manaus - AM. Tem por etapas da educação básica o Ensino Fundamental II (anos finais), referente ao segmento do 6º ao 9º ano, realizado nos três turnos, e o Ensino Médio, contemplando apenas o 1º ano no turno vespertino. Como modalidade, era desenvolvida a Educação de Jovens e Adultos (EJA), também na etapa do Ensino Fundamental II, no turno noturno.

No que diz respeito à infraestrutura, a instituição educacional dispõe dos seguintes espaços: secretaria (1), pedagogia (1), sala dos professores (1), salas de aula (12), sala de recursos (1), sala de instrumentos musicais (1), biblioteca (1), cozinha (1), refeitório (1), banheiro dos professores (2), banheiro dos alunos (3), depósito para os materiais de limpeza (1) e quadra poliesportiva (1).

No contexto da realização do estágio a instituição contava com um total de 1.273 alunos, distribuídos entre 51 professores, 2 pedagogos, 1 profissional de apoio pedagógico, 19 servidores administrativos, 4 servidores gerais e 7 merendeiros.

No que se refere a disciplina de Arte, a sua organização pedagógica na escola se dá por meio de uma abordagem sequencial ao longo do ano letivo, contemplando as quatro linguagens artísticas previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Assim, a disciplina é desenvolvida por meio de uma divisão bimestral: Artes Visuais no primeiro bimestre, Música no segundo, Dança no terceiro e, por fim, Teatro no quarto bimestre.

A caracterização das turmas 6º ao 9º ano integram, geralmente, em torno de 35 a 40 alunos. A faixa etária em cada ano se dispõe da seguinte forma: 6º ano – 11 a 12 anos; 7º ano – 12 a 13 anos; 8º ano – 13 a 14 anos e 9º ano – 14 a 15 anos. Essa é a faixa etária esperada para cada segmento da educação básica. No entanto, em algumas turmas é comum encontrar alunos com idades acima da média, devido a alguns fatores, como reprovações e evasão escolar.

5. RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COMO ESTAGIÁRIO

As atividades relatadas a seguir dizem respeito à regência de aulas de Música realizada por mim no Ensino Fundamental II, especificamente com a turma do 9º ano 2 da Escola Estadual Cacilda Braule Pinto, no turno matutino. As aulas foram elaboradas de forma autônoma, com liberdade para construção das propostas pedagógicas, mas sob orientação da professora supervisora da disciplina de estágio da universidade. Essa experiência me proporcionou a oportunidade de aplicar, na prática, os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Licenciatura em Música, especialmente aqueles relacionados ao modelo C(L)A(S)P de Keith Swanwick (1979).

As aulas abordaram quatro conteúdos musicais fundamentais: pulsação, tempo (duração dos sons), andamento e intensidade. Para embasar teoricamente a abordagem desses conceitos, foram utilizadas as referências de Costa (2020) e Priolli (1999), autores que tratam da teoria musical de forma acessível e contextualizada. Nos parágrafos seguintes passo a apresentar as minhas atividades realizadas na regência de classe I, II, III, IV e V, extraídas de meu caderno de campos e de minhas observações.

REGÊNCIA I

No início da aula, apresentei-me aos estudantes, dizendo meu nome, a área em que estou me graduando e o nome da universidade. Também foi relatado aos estudantes que eu precisaria dar 5 aulas de música para a turma, conforme exigido na disciplina de estágio da graduação. Para dar início ao primeiro conteúdo, escrevi no quadro a palavra “Pulsção” e perguntei aos estudantes sobre o que se tratava essa palavra. Alguns deles me responderam, conforme os seus conhecimentos do cotidiano, como “algo que pulsava”, “batidas”. Após a resposta dos estudantes, expliquei que a música não se distancia muito da nossa vida cotidiana. E para conectar essa fala com o conteúdo, perguntei como é que nós, seres humanos, descobrimos que o nosso coração está pulsando. Interessante que de imediato, um estudante respondeu “sentindo”. Logo, abordei que a pulsção musical tem o mesmo princípio, ela é sentida quando ouvimos música. São batidas constantes. No momento da aula, surgiu um pequeno imprevisto. Como eu não estava conseguindo conectar o meu bluetooth na caixa de som, exemplifiquei a pulsção utilizando a música “Parabéns Pra Você”. Convidei a turma para cantar a música comigo batendo palmas. Ao final dessa atividade, perguntei aos estudantes o que lhes faziam bater palmas ao cantar a música. Pontuei que o motivo do corpo humano querer se movimentar ao ouvir música é causado pela pulsção. Para exemplificar, os fiz pensar nas músicas utilizadas no contexto das baladas, festas, explicando que o que mais ouvimos nas músicas são as batidas constantes enfatizadas nelas, e que essa ênfase na pulsção faz o corpo querer pular. Após essa explicação, pedi para que a turma se dividisse em dois grupos e que cada grupo estipulasse uma pulsção e a explorasse corporalmente, batendo os pés, mãos e estalos. Infelizmente, apenas, no máximo, uns 8 alunos participaram da atividade, os quais se apresentaram diante da turma. Enquanto eles executavam a atividade, os demais tinham que analisar se estava de acordo com a pulsção. Eles conseguiram manter um pulso regular até uma dada parte de sua execução onde eles executaram um pequeno ritmo ao baterem no peito. Os parabenizei pela atitude de realizarem a atividade e perguntei aos demais se eles tinham conseguido demonstrar a pulsção. Uma estudante disse que não, pois eles não demonstraram um pulso, uma batida constante, conforme eu havia explicado. Em seguida, ao conseguir realizar a conexão na caixa de som, reproduzi a música “Rolling In The Deep” da cantora Adele para que os estudantes pudessem identificar a pulsção. Eles tiveram bastante dificuldade, pois imitavam apenas os ritmos que ouviam durante a música. Ao final da aula, pude perceber uma certa dificuldade dos estudantes na compreensão do conteúdo, pulsção.

REGÊNCIA I - REVISÃO

Como eu havia saído da última aula com a sensação de que os estudantes não haviam compreendido sobre a pulsação, e meus planos para as aulas seguintes ainda não haviam sido aprovados e liberados para execução pelo orientador do estágio, aproveitei o tempo vago com a turma e resolvi realizar uma segunda aula sobre o mesmo conteúdo da anterior. Iniciei a aula perguntando novamente aos estudantes o que era pulsação. Alguns responderam “ritmo”, “pulso”, entre outras palavras. Em seguida, apresentei o conceito de pulsação conforme Costa (2020), explicando que ela pode ser comparada aos “batimentos cardíacos” da música, as batidas constantes que sentimos quando ouvimos uma melodia. Para exemplificar, usei a onomatopeia “tum-tum-tum-tum” para representá-la. Os estudantes foram então convidados a repetir, oralmente, comigo essa marcação dos pulsos. Depois, fizemos a repetição utilizando “pá-pá-pá-pá”. Em seguida, dividi a turma em dois grupos. Cada grupo teve a tarefa de estabelecer uma pulsação e explorá-la utilizando variações de “Tum” e “Pá”. Por exemplo: “Tum-Tum-Pá-Pá”, “Tum-Pá-Tum-Pá” e assim por diante. Após o ensaio, cada grupo apresentou a sua criação, enquanto os demais assistiam atentamente e analisavam se a pulsação foi representada corretamente. Ao final de cada execução, perguntei aos colegas que estavam assistindo se o grupo conseguiu representar a pulsação. No início, algumas respostas foram corretas, mas demonstrando insegurança. Então, fui enfático em explicar que a pulsação consiste em batidas constantes que não alteram o ritmo, mesmo que sejam representadas por palmas, pés, estalos, etc. Na aula anterior, um momento me deixou particularmente feliz: um estudante perguntou ao outro: “Será que em toda música é assim?”. Fiquei contente porque percebi que alguns alunos começaram a perceber que a pulsação não se trata do ritmo da música. Aproveitei a oportunidade para explicar a diferença entre pulsação e ritmo, sempre enfatizando que a pulsação é a base para a criação e estruturação do ritmo.

REGÊNCIA II

Iniciei a aula apresentando o conteúdo, o tempo. Escrevi no quadro o conceito de tempo, segundo Costa (2020): “é a unidade de duração do som atribuída pelo pulso”. Expliquei que quem define a duração do som é a base, o pulso. Para ilustrar, usei o exemplo do som do relógio, que possui sons constantes, que podemos também denominar pulsos, representando os segundos. No entanto, no contexto da música, esses segundos são chamados de “tempo”, e um segundo é igual a um tempo. Para uma exemplificação prática, realizei a pulsação estalando os dedos e contei cada pulso até oito. Em seguida, expliquei que o tempo está relacionado à

duração do som, que pode ser curto ou longo. Emiti um som com a onomatopeia "tá-a" e perguntei se o som era longo ou curto. Eles responderam "longo". Depois, fiz o som "tá", e responderam "curto". Expliquei que cada pulso tem uma curta duração. Desenhei no quadro oito pontos seguidos e expliquei que cada um representava uma pulsação. Perguntei quantas pulsações havia, e alguns responderam "oito", enquanto outros disseram "dez" ou "nove". Para ajudar, contamos todos juntos em voz alta. Em seguida, perguntei: "Se 1 tempo é igual a 1 pulso, quantos tempos temos no quadro?" Todos responderam "oito". Para explicar a contagem da duração do som, liguei os dois primeiros pontos/pulsos e perguntei quanto tempo de duração esse som tinha. Alguns responderam "um". Perguntei se estavam certos, e repeti a questão: "Se um tempo é igual a um pulso, quantos tempos temos?" Responderam "dois". Então, desenhei embaixo de cada pulso "1T", representando 1 tempo. Logo, $1T + 1T$ é igual a 2 tempos. Para reforçar a compreensão, fiz uma exemplificação prática representando os pulsos com estalos de dedos e a duração do tempo com a onomatopeia "Tá-a". Pedi que os estudantes realizassem a atividade comigo. Em seguida, perguntei: "Se eu adicionar mais uma pulsação, quantos tempos de duração do som teríamos?" Eles responderam "três", e fizemos a atividade "tá-a-a". Para verificar se eles realmente haviam compreendido, escrevi um pequeno exercício no quadro utilizando os oito pulsos, alternando entre sons longos e curtos. Eles conseguiram realizar a atividade junto comigo. Ao final, pedi que a turma se dividisse em dois grupos. Cada grupo deveria criar uma sequência de duração dos sons em 10 pulsos. É importante ressaltar que não conseguimos completar a atividade desse dia, pois uma estudante se machucou ao tirar uma brincadeira de mal gosto com a colega.

REGÊNCIA II - REVISÃO

O início da aula foi da mesma forma que a anterior. A diferença está na atividade que foi modificada para que os estudantes pudessem realizá-la. Pois, percebi que é bastante difícil tirar os estudantes de suas cadeiras para realizar uma atividade prática. Parece que esse padrão de somente estarem sentados e o professor chegar, falar, escrever e jogar os conteúdos já está enraizado neles. Essa dificuldade foi encontrada, também, por causa da minha inexperiência com o ensino regular. Uma sala com quase 50 alunos. Sobre a atividade, pedi para que um estudante fosse até o quadro, escrevesse um exemplo para que ele, juntamente com seus colegas realizassem. Esse estudante, além de escrever a sequência de sons longos e curtos em 12 pulsos, tinha que estabelecer o pulso para que os colegas o acompanhassem. Na primeira vez que ele

foi realizar o exercício com os colegas, se esqueceu de estabelecer essa pulsação, então, perguntei o que estava faltando, alguns de seus colegas responderam “a pulsação”. Uma outra colega também foi a frente e realizou a atividade com os colegas. Para modificar um pouco a atividade, a turma foi dividida em dois grupos e cada grupo tinha que reproduzir uma linha de sons longos e curtos descritos no quadro. Grupo I e Grupo II.

REGÊNCIA III

Iniciei a aula escrevendo no quadro o conteúdo, o andamento e seu conceito, segundo Priolli (1999). Em seguida, reproduzi na caixa de som a música “Me Dá Um Dinheiro Aí” e pedi para que os estudantes identificassem o andamento através da pulsação, além de perceberem o caráter expressivo da música. Expliquei que se tratava de uma canção típica do carnaval, um contexto em que as pessoas precisam dançar, o que exige que a música seja rápida e alegre. Para exemplificar, cantei a música em um andamento lento e perguntei se seria coerente cantá-la dessa forma em uma festa de carnaval. Logo depois, reproduzi uma versão da música “Sorriso Resplandecente” de The Kira Justice, para que os estudantes identificassem o andamento e o caráter expressivo. Em seguida, apresentei uma outra versão da mesma música, com andamento mais lento, o que a tornou mais melancólica. Essa foi uma aula de apreciação e contextualização da letra da música.

REGÊNCIA IV

Na revisão do conteúdo da última aula, que tratava do andamento, reproduzi a música Anna Júlia e escrevi o conceito de andamento no quadro, apresentando, em seguida, o novo conteúdo da aula: a intensidade. Escrevi o conceito de intensidade segundo Priolli (1999) e expliquei o que é intensidade, exemplificando com a frase “vocês precisam estudar”, variando a intensidade da fala. Como exemplos de apreciação musical, reproduzi as músicas “In the End”, “Morte do Mufasa”, “Vamos Sim, Crucificar” e a “5ª Sinfonia de Beethoven”. Enquanto os estudantes ouviam as músicas, eu explicava o que o compositor queria expressar, com base nos elementos musicais e nas letras das músicas. Na primeira execução, os estudantes ouviram atentamente para identificar o andamento e a intensidade. Além disso, levei a música In the End, da banda de rock Linkin Park, em forma de vídeo, para que os estudantes pudessem acompanhar a letra.

Eles foram incentivados a refletir sobre o que estava sendo dito e o que o compositor ou intérprete queria expressar ao utilizar os elementos da música, como intensidade e andamento.

REGÊNCIA V

Entreguei as avaliações e, em seguida, expliquei como seriam realizadas as questões práticas. A prova consistia em 10 questões, sobre o conteúdo: pulsação, tempo (som longo e curto), intensidade e andamento. Organizei os equipamentos necessários para a realização da prova, como a caixa de som e as provas impressas. No entanto, não havia cópias suficientes, então fui até a secretaria solicitar as cópias pendentes. Lá, me informaram que não havia papel disponível, mas me perguntaram quantas cópias seriam necessárias. Pedi pelo menos três cópias. Quando voltei para a sala de aula, realizei a entrega das provas, mas um estudante ainda estava sem a sua. Pedi para que ele fosse à secretaria pedir a cópia restante. Quando ele retornou, todos os estudantes receberam a prova. Após a entrega, expliquei como deveriam responder às questões, com ênfase nas questões práticas. Iniciamos pelas questões práticas. A primeira questão pedia que os estudantes identificassem em quantos pulsos ou pulsações estava organizado um pequeno trecho da música *Rolling in the Deep*, de Adele. Esse trecho foi reproduzido três vezes. O interessante foi notar que os estudantes se empolgaram com a prova, vibrando ao conseguirem identificar e contar as pulsações durante o trecho e responder corretamente à alternativa, pois as questões eram de múltipla escolha. Foi um momento muito interessante. Pude perceber que os estudantes gostaram bastante de poder realizar uma avaliação ouvindo música. Isso é algo novo para eles. Ao final da avaliação, uma estudante me disse que se sentiu incrível ao terminá-la. Uma outra questão prática, de número 5, se tratava de um pequeno ditado rítmico onde os estudantes ouviram um mídi contendo uma sequência de sons longos e curtos e tinham que responder quais das alternativas estavam corretas, nelas estavam contidos traços que demonstravam os sons longos e curtos. O mídi era reproduzido três vezes. Na questão de número 7, também era um pequeno ditado rítmico onde era reproduzido uma sequência de sons longos e curtos e os estudantes tinham que preencher as pulsações representadas por (*) ligando-as com (—) se fosse som longo e durante a sua duração. Eram três pequenos ditados contidos nessa questão, 1, 2 e 3. Na questão de número 8, os estudantes ouviram a música “voando para o para” da cantora e compositora Joelma e tinham que identificar o andamento e qual a intenção expressiva da cantora ao escolhê-lo. Da mesma forma, a questão de número 10. Os estudantes ouviram a música “Numb” da banda de rock

Linkin Park, tinham que identificar a ou as intensidades presentes na música e qual a intenção expressiva do cantor ou intérprete ao utilizá-la. Essas foram as questões práticas. As teóricas continham o conceito de pulsação, tempo e andamento. Eram questões de múltipla escolha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências aqui relatadas, se deram a partir das atividades vivenciadas durante a disciplina de Estágio Supervisionado II, realizadas em uma escola da rede pública de ensino básico. O foco está na reflexão crítica da prática pedagógica de um aluno do curso de Música da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), à luz do modelo C(L)A(S)P do educador musical britânico Keith Swanwick (1979).

O Estágio Supervisionado é um período desafiador na vida de um discente acadêmico, pois é o momento em que o licenciando é inserido no contexto real de educação, pondo à prova os seus conhecimento e habilidades de lidar com as dificuldades da vida profissional docente.

Aprendi que, para alcançar os alunos, é necessário abordar a aula de maneira informal, como uma conversa, principalmente no início da aula. Também percebi que ministrar aulas a partir do modelo C(L)A(S)P proporciona um maior engajamento dos alunos, especialmente no que diz respeito à apreciação musical, pois eles dialogam bastante.

Uma das dificuldades enfrentadas foi motivar os estudantes para atividades práticas que exigiam que se levantassem de suas cadeiras, já acostumados a permanecer sentados enquanto o professor apenas falava, escrevia no quadro e terminava a aula.

A experiência de estágio contribuiu de forma significativa para a minha formação enquanto futuro docente de música, especialmente por me permitir vivenciar, na prática, os desafios e as possibilidades do ensino musical no contexto escolar. A convivência com os alunos, a observação do professor titular e a elaboração e aplicação de atividades musicais proporcionaram um entendimento mais profundo sobre a realidade da sala de aula e sobre o papel da música na formação dos estudantes. Além disso, relatar essa experiência é de grande importância para a academia, pois permite analisar a relação entre teoria e prática na qualificação dos discentes no campo profissional da educação, além de promover reflexões sobre o processo de formação acadêmica e sua conexão com o exercício da docência.

Espera-se que este trabalho possa contribuir com futuros estudantes, ao oferecer um material construído a partir da vivência de uma discente durante o Estágio Supervisionado Obrigatório no Curso de Música – Licenciatura. Acredita-se que esse relato possa servir como subsídio para aqueles que estão em busca de constante aprimoramento em sua formação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido (orgs.). **Estágios supervisionados na formação docente: educação básica e educação de jovens e adultos**. São Paulo: Cortez, 2014.

BURIOLLA, Marta Alice Feiten. **O estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, e da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga dispositivos; e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 145, n. 187, p. 1–3, 26 set. 2008.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. **Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática**. Revista Em Pauta, v. 13. n. 21. p. 5-41, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. Colab. Erika Barroso Dauanny; Elisângela André da Silva Costa; rev. téc. José Cerchi Fusari. 8. ed. rev., atual. e ampl. – 3. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (orgs.). **Práticas de ensinar música: preparando professores de música especialistas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SWANWICK, K. **A basis for music education**. Londres, England: Routledge, 1979.